

A clínica da escolha no divã: relatos de experiência em orientação profissional

Flávio José Gosling^[1]

Maria Stella Ribeiro de Sampaio Leite^[2]

Yvette Piha Lehamn^[3]

RESUMO: A proposta deste artigo é apresentar os relatos experienciais de duas psicanalistas com larga trajetória no campo da orientação profissional (OP), também conhecida como orientação vocacional. Ambas possuem profundo conhecimento clínico, além de experiência em práticas institucionais, e trazem relatos sobre a validade das estratégias psicanalíticas. Tiveram forte contato com a obra de Rodolfo Bohoslavsky, psicanalista argentino radicado no Brasil na década de 1970, que cunhou uma proposta de trabalho para OP: a estratégia clínica. O modelo questionava a tendência na época do uso da psicometria para o processo de escolha profissional e privilegiava os aspectos inconscientes envolvidos na decisão, principalmente de adolescentes. Embora o modelo tenha sido fortemente consolidado pela psicologia, alguns psicanalistas seguiram discutindo a validade do uso de dispositivos e estratégias para além do *setting* tradicional enquanto prática psicanalítica. A relevância dos relatos biográficos e as vivências clínico-institucionais das psicanalistas permitem uma visualização da prática e da história do campo.

PALAVRAS-CHAVE: orientação profissional, vocação, estratégia, dispositivo, experiência

1. Psiquiatra. Mestre em saúde coletiva. Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Publicou “Alterações de rota na medicina: reescolhendo a especialidade médica” com Patrícia L. Bellordi na revista *Saúde e Sociedade* (v. 30, n. 4, 2021).

2. Psicóloga. Membro associado da SBPSP. Publicou *Orientação profissional* (ed. Artesã, 2a ed., 2022).

3. Psicóloga. Docente titular em psicologia. Membro associado da SBPSP. Publicou “Contribuições de Winnicott sobre a adolescência: transformação do espaço potencial” como capítulo de *Winnicott: ressonâncias* (org. I. Sucar, ed. Primavera, 2012).

O convite^[4]

Não é surpresa para os psicanalistas que Freud desejava ser acadêmico na Universidade de Viena e ficou frustrado por não ter conseguido. No final, todos sabemos que ele fez “de um limão uma limonada”: dirigiu seu intenso espírito investigativo para o desenvolvimento de uma prática clínica. Atualmente esse dado ilumina sua autobiografia e amplia a magnitude do seu trabalho. Freud enfrentou um processo de redefinição vocacional e profissional, e contou com sua autoanálise. Interessante que psicanalistas sigam muito resistentes a falar dos seus percursos profissionais em escritos, talvez para evitar o risco de uma exposição narcísica excessiva ou por revelarem incertezas acerca da profissão. Autores contemporâneos apontam para a importância do inverso: é justamente na autobiografia que a “verdade” em psicanálise fica “apresentada”, de maneira muito semelhante à verdade da estética e da poesia (Scappaticci, 2015). Para Scappaticci, inspirada pela tradição de trabalho proposta por Bion, a biografia não é meramente um compilado dos dados sobre a vida e do conhecimento racional de teorias de alguém, mas como a experiência pessoal e a vida interna de um psicanalista influenciam a autoria e a magnitude do seu trabalho.

Há algum tempo participei de um evento psicanalítico interessantíssimo. Três psicanalistas muito experientes, utilizando vértices distintos de leitura clínica, teceram comentários sobre um mesmo caso freudiano, o famoso caso Dora. Presenciamos um desfile de alta costura: leituras precisas, teoricamente complementares e de grande riqueza conceitual e clínica. Ouvindo-os, lamentei: notei que conhecia pouco dos percursos profissionais dos colegas/professores que ali falavam. Quase não temos registros das histórias de carreira de psicanalistas, para além dos artigos técnicos que escreveram e algumas citações.

Outra associação: recentemente tive a oportunidade de conhecer Viena. A cidade é magnífica. Além do rio Danúbio iluminando-a, a cidade é musicada: escutamos música clássica pelas ruas. O ponto forte de minha visita foi conhecer a casa da rua Berggasse, número 19, que justamente dá nome à presente revista. Esse é o endereço do lugar onde Freud residiu, trabalhou, cuidou de sua família, que nos é permitido visitar. Podemos passear através da intimidade de Freud: caminhamos sobre os pisos em que ele pisou, vemos os azulejos da casa, assim como acessamos as pias e os cabides que utilizava. Ali estão apresentados artigos pessoais dele: vemos seus óculos, sua boina e uma valise marcada com suas iniciais no couro. É extremamente emocionante. Confesso que, quando vi a porta de entrada, fiquei arrepiado. Chegando, o museu nos dá uma opção: você pode entrar pelo lado da casa ou pelo lado do consultório. Eles propõem, então, um gracejo: você toca a campainha, a porta se abre sozinha, e você adentra. Uma emoção. Esse espírito de retorno às práticas e às origens motivou a escrita deste artigo.

4. Seção escrita por Flávio José Gosling.

Há tempos surgiu o desejo de escrever um texto sobre orientação profissional^[5] (OP) de base psicanalítica, para uma publicação de psicanálise. Habitualmente textos do tipo são publicados em revistas específicas do campo da OP, apartados das publicações mais tradicionais. Ocorreu-me, em vez de um texto exclusivo teórico ou de técnica, algo de caráter experiencial da prática através da história e pela prática do fazer clínico, estimulando psicanalistas mais jovens a pensar novos formatos e propostas de trabalho, como já feito por antecessores.

Em meados da década de 1970, São Paulo recebeu Rodolfo Bohoslavsky, um argentino discípulo de Bleger, que cunhou um trabalho seminal para o campo. O trabalho foi batizado como *Orientação vocacional: estratégia clínica* (1977) e cunhou os termos “estratégia” e “modalidade” clínicas. Talvez o autor pudesse ter utilizado a palavra “dispositivo”, utilizada na contemporaneidade para designar novas modalidades de intervenção em psicanálise (Azevedo, 2025). Mas talvez tivesse sido muito “*high tech*” para a época ao designar as abordagens distintas de um modelo tradicional de intervenção, como as de natureza focal. São abordagens que procuram um “divã” sem que necessariamente alguém esteja deitado nele.

Difícilmente um psicanalista pensará de forma diferente: a profissão e o inconsciente estão totalmente relacionados. O inconsciente, nessa perspectiva, opera mais do que a escolha racional ou os desenhos de um projeto de vida linear. Impossível não considerarmos sonhos, a trama das identificações, os processos de sublimação e reparação no processo de escolha. Eu entendo a OP como um recurso clínico bastante refinado, um modelo de trabalho de psicoterapia breve, cujo foco é a escolha profissional. Sergio Rascovan (2016), psicanalista argentino, resume: é a oferta de um processo subjetivante.

Em vez de aprofundar exaustivamente aspectos da teoria, achei mais proveitoso a confecção de um texto com relatos pessoais de colegas participantes da instauração do campo em nosso meio em um texto de articulação teórico-clínica. Propus que nesse texto fossem apresentados relatos aos moldes das narrativas que procuramos construir no trabalho de OP.

As duas colegas que convido a versar suas experiências são Maria Stella Ribeiro de Sampaio Leite e Yvette Piha Lehamn. Maria Stella, além de ter uma vasta experiência clínico-institucional da prática, escreveu o livro *Orientação profissional* (2020, da Coleção Clínica Psicanalítica), muito importante no campo. O livro é maravilhoso, apresentando, de forma criativa e consistente, um panorama do campo desde seu começo. Já Yvette foi professora titular da Universidade de São Paulo no campo, coordenou o serviço por mais de 20 anos e publicou trabalhos abordando a relação da OP com o trabalho de Winnicott, considerando a noção de *holding* como central para o processo.

5. Aqui utilizaremos o termo “orientação profissional”, intervenção também batizada de “orientação vocacional”, pois muitos consideram o termo “vocaçãõ” equivocado, por sugerir um designio único ou algo como uma convocação mística-religiosa.

Além de reverenciar essas minhas amigas, professoras e companheiras de jornada, o intuito central do artigo é o registro dos seus percursos profissionais e da história do campo. São duas psicanalistas muito consistentes, excelentes clínicas, reconhecidíssimas, que ajudaram a desenvolver a OP de base psicanalítica em nosso meio. Defendem a psicanálise viva, ética e criativa, com expansões do *setting* tradicional, mantendo o rigor e a competência no campo. Irei solicitar que nos relatem um pouco das suas trajetórias e como concebem a OP enquanto estratégia analítica, incluindo a quem e em quais situações ela pode beneficiar. Espero que, assim como eu, os leitores possam desfrutar da sofisticação das reflexões das duas.

Primeiro relato^[6]

A proposta de Flávio Gosling, ao sugerir que apresentássemos o trabalho de OP como estratégia ou dispositivo clínico, me leva a refletir, de forma geral, sobre o significado do termo “dispositivo”, para então analisar de que maneira esse conceito se aplicaria à OP. Em que medida a OP seria um braço de ação em psicanálise? Ou estaria ela mais próxima de uma intervenção no campo social, sendo o dispositivo a base de sustentação da qual me utilizo, o equipamento desenvolvido ao longo da minha formação como psicanalista? Ou, talvez, ambas as coisas?

Em Michel Foucault (1976/2020), o “dispositivo” é uma formação estratégica que articula elementos heterogêneos (discursivos, institucionais, materiais) em resposta a uma urgência histórica, atuando a serviço das relações de poder em dado campo de saber. Nessa linha, Checchia (2010), no artigo “A clínica psicanalítica é um dispositivo?”, recorre a Agamben para definir o dispositivo como a relação mediadora entre os indivíduos (seres vivos) e as instituições, processos de subjetivação e regras que materializam o poder. Para Agamben (2009),

dispositivo é qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos vivos. No extremo capitalismo há uma proliferação de dispositivos dessubjetivantes – artefatos tecnológicos e midiáticos como celulares e propagandas. (pp. 28-29)

Claro que a psicanálise e seus desdobramentos estão longe de serem dispositivo de dominação aos moldes foucaultianos. Ao contrário, a psicanálise é ferramenta de libertação e subjetivação. Segundo a psicanalista e filósofa Camilla Salles (comunicação em aula, 2025), a psicanálise não é dispositivo, pelo menos na perspectiva filosófica, porque o dispositivo é “coisificante”, e a subjetividade nasce num conjunto de dispositivos. A psicanálise, diferentemente disso, vai provocar desordem no indivíduo de modo que ele deixe de repetir padrões sociais ou de submissão ao outro.

Mas voltando ao nosso tema, os desdobramentos da psicanálise podem ser entendidos como dispositivos? Fábio Herrmann (2005), no artigo “A clínica extensa”,

6. Seção escrita por Maria Stella Ribeiro de Sampaio Leite.

sintetiza essa questão. Para ele, Freud nunca deixou de usar a psicanálise na vida cotidiana das pessoas. A clínica padrão, aquela que acontece na relação analista-paciente no consultório, norteadas por um conjunto de técnicas balizadoras, ocupou uma pequena parte de toda a teorização psicanalítica desenvolvida por Freud. A psicanálise do cotidiano é a psicanálise do que acontece no social, vai além do que acontece com o indivíduo singular. A clínica extensa vai além do consultório e analisa a sociedade. O denominador comum a todas essas práticas psicanalíticas é o método clínico, de investigação, conhecimento e cura. É possível entender a clínica extramuros do consultório, inclusive a OP, como um braço da prática psicanalítica na vertente de Herrmann.

Histórico pessoal pela OP

Quando jovem no final do ensino médio, tinha três opções: psicologia, serviço social e letras. Escolhi a psicologia porque abria maiores possibilidades de atuação. Muitos anos depois disso, já orientadora profissional, entendi que, no meu caso, os interesses elencados à época se mantiveram vivos ao longo da minha carreira. Explico: desde nova atuei em práticas sociais e, à medida que aprofundava minha formação como psicóloga e, posteriormente, como psicanalista, essa prática psicanalítica/política/social também se consolidou. Localizo também a profissional de letras, pois enveredei pela trilha psicanalítica, esse campo de saber que se espalha sobre cultura, artes, ciência e literatura. Dentre as áreas da psicologia, a psicanálise é a que maior valor dá à linguagem, à fala.

Na graduação, no módulo de OP, aprendi a diferenciar a modalidade psicométrica da modalidade clínica proposta por Rodolfo Bohoslavsky. Esse autor psicanalista dava aula no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, enquanto eu estudava na Pontifícia Universidade Católica. Nessa ocasião, tive o meu primeiro cliente em processo de escolha profissional. Tínhamos idades próximas, e o manejo da transferência e da contratransferência foi desafiador, sobretudo porque punha na mesa minha escolha profissional pela psicologia. Um professor muito querido falou certa vez: todo psicólogo é trabalhador da saúde mental – além do pé na psicopatologia, tem que ter o outro pé na saúde, na vida como ela é. Esse conselho fez muito sentido lá atrás, embora, quando veteranos, tal alerta não faça tanto sentido, pois sabemos quão tênues são essas fronteiras.

Na saúde pública: expansão da clínica padrão

Durante meus primeiros dez anos como psicóloga, paralelamente ao consultório particular, atuei na rede pública de saúde mental voltada ao escolar. Esse serviço tinha sido recém-implantado. Após o diagnóstico da problemática, atendíamos as crianças e os adolescentes em grupo e, em paralelo, seus pais também em grupo. Acolhíamos todo tipo de problemáticas emocionais e/ou cognitivas. Oswaldo Di Loreto, psiquiatra e psicanalista, foi fundamental nesse começo, tanto na supervisão institucional como no acompanhamento dos casos. Tivemos também a formação com alguns psicanalistas

argentinos que desembarcaram aqui trazendo conhecimentos de práticas grupais com crianças e adolescentes. Entre esses psicanalistas com experiência na teoria do vínculo e com grupos operativos desenvolvidos por Pichon-Rivière, estava também Rodolfo Bohoslavsky, aquele que apareceria mais tarde na minha formação.

Em paralelo aos trabalhos como funcionária pública e no consultório, eu continuava na militância política. Estávamos em processo de abertura política, começo da década de 1980. Nas periferias de São Paulo, eu trabalhava com mulheres em grupos abertos e contínuos de psicoterapia. Acompanhei várias delas que, uma vez empoderadas e desejantes, retomavam os estudos, buscavam trabalho para ter autonomia financeira dos familiares ou até – aquelas que ousaram – se divorciavam.

Na Colmeia: expansão mais adiante

Há quase 40 anos ingressei na Colmeia – instituição a serviço da juventude, referência desde 1948 no trabalho de OP. Foi ali meu maior balão de ensaio como orientadora profissional. Essa instituição sempre contou com enorme reconhecimento da sociedade paulista, tendo grande afluxo de clientes. Por meio dela, atendi desde filhos de celebridades até imigrantes africanos. De medalhista de pesos pesados e filhos de famosos no rádio e televisão a grupos de religiosos. Os mais diferentes grupos socioeconômicos e etários. Todos buscando encontrar-se na atividade profissional, tentando responder às perguntas “quem sou eu?”, “o que posso fazer no futuro?”, “qual meu papel no mundo?” e “como chegar lá?”.

Essa diversidade de clientes punha em xeque o instrumental. Para tanto, era necessário entender o que é o método e o que são as técnicas. O método é o psicanalítico. Na modalidade clínica de OP, a referência é a psicanálise, em que a atenção está voltada para a forma como determinada pessoa realiza sua escolha. Busca-se, então, esclarecer quais fatores conscientes e inconscientes da dinâmica psíquica estão por trás das preferências por determinado projeto profissional. Esse método objetiva aprofundar a pesquisa sobre motivações, conflitos, defesas, afinidades e desejos implícitos na seleção por cada projeto de trabalho futuro e, sobretudo, fazer conexões entre esses elementos. Nessa perspectiva, observação, escuta e interpretação atuam simultaneamente (Leite, 2022, p. 90). Dominar o método e a técnica permite desvendar a problemática profissional de cada pessoa e ser criativo no dia a dia dessa prática. O manejo das técnicas varia conforme a familiaridade que o profissional tem com elas.

Entre OP e psicanálise, só um passo

A OP na perspectiva clínica leva em consideração a singularidade da escolha profissional e, para isso, propõe-se a analisar profundamente o indivíduo em sua realidade interna e externa, sobretudo em seu conflito predominante. Na vertente clínica, o foco da investigação é a pessoa e seu modo de eleger prioridades. A OP privilegia a dimensão simbólica na análise da problemática psicológica do orientando e o sentido

dado por ele às ocupações e ao mercado das profissões. Tem uma dimensão ética porque toda pessoa tem a capacidade de escolher sua profissão, é dado ao sujeito a liberdade de escolher o que quer do seu futuro. Na primeira escolha, o jovem não somente busca o que fazer, mas fundamentalmente busca definir quem ser e, ao mesmo tempo, quem não ser (Bohoslavsky, 1977, p. 53).

Alguns conceitos psicanalíticos introduzidos por Bohoslavsky são centrais para a avaliação da problemática profissional. Entre eles, destacam-se a teoria de objeto presente na escolha – especialmente no que se refere à reparação de objetos danificados –, os conceitos de identificação e ideal de ego, e os lutos. Nesse sentido, a OP pode ser compreendida como uma psicoterapia focal, que se caracteriza como uma abordagem centrada em determinada questão vivida pelo sujeito, durante curta duração, em um número reduzido de sessões.

OP e trabalho

Nas últimas décadas, o mundo do trabalho passou por grandes transformações quanto ao lugar do trabalho para as pessoas, aos valores, às aspirações e aos desafios. Nesse período, houve grandes modificações quanto ao mercado das profissões, tendo parte delas sido reformuladas, abrindo outras frentes de atuação. Algumas foram criadas, e outras, ainda, quase desapareceram. Os impactos provocados por avanços das tecnologias, padrões de consumo, mudanças geopolíticas – de um lado apontando para a globalização e de outro, paradoxalmente, para o protecionismo – e ameaças da sobrevivência do planeta pelas mudanças climáticas têm contribuído com o sofrimento das pessoas, adultos e jovens, no que se refere ao trabalho.

Para aprofundar, vou me valer do trabalho de Christophe Dejours (2022), psicanalista considerado o pai da psicodinâmica do trabalho. Ele aponta que Freud usa o termo “trabalho” em alguns momentos da sua obra: em “Análise terminável e interminável”, no sentido de elaboração; em *Interpretação dos sonhos*, no capítulo 4; em “Projeto para uma psicologia científica”, no sentido de desafio do aparelho psíquico frente às moções pulsionais provenientes do inconsciente. Mais ainda, é em “Pulsões e destinos das pulsões” que Freud utiliza o termo “trabalho” com caráter econômico ou energético que sugeriria ação, acrescido da ideia de pensamento. Aqui o trabalho é usado de maneira complexa e refinada. “É razoável admitir que o termo alemão escolhido – *Arbeit* – aponte, essencialmente, para a dimensão qualitativa do trabalho. É nesse sentido que trabalho é empregado, na acepção qualitativa que está presente em inúmeras formas que constelam a metapsicologia” (Dejours, 2022, p. 71). Todas as formas de trabalho psíquico têm em comum acarretar mudanças, ser um progresso ou promover desenvolvimento psíquico, tratar a excitação ou a angústia proveniente dos conflitos intrapsíquicos. Freud (1930/2010) usa o termo *labor* (trabalho de força) para designar o trabalho socialmente gerado que causa infelicidade. E usa *opus* no sentido de obra, aquilo que está na ordem da criação e diz respeito à sublimação, que dá margem à criação, à engenhosidade e à descoberta.

Trabalho como fator de emancipação

Volto ao tema da OP, que toma por objeto de reflexão justamente a complexidade do trabalhar, essa atividade que nos envolve integralmente em várias dimensões – corpo, psiquismo, história, sociedade –, num processo que ocorre ao longo da vida. A OP na primeira escolha feita na juventude é fator de emancipação das influências paternas e sociais, a partir da elaboração de lutos.

Apresento agora dois casos clínicos de jovens que buscaram a OP. Ambos os casos ilustram a força do dispositivo psicanalítico no mais fino do seu método como fator de desenvolvimento.

No caso 1, João conta em entrevista que escolheu a engenharia apoiado na profissão dos pais e do avô materno. Seu pai biológico desapareceu quando a mãe engravidou dele. Os avós paternos mantiveram contato com o neto até ele completar 5 anos. A partir daí, desapareceram também. Ainda hoje fala entristecido desse fato como um mistério. Seu pai adotivo cuidou dele com presença, mas é pessoa de poucas palavras. Aprovado na faculdade, mudou de cidade para a graduação. Está há três anos em universidade pública, que leva sem interesse; migrou para outra faculdade igualmente boa, na mesma área, e o desânimo se manteve. Queixa-se de grande vazio.

Ao longo do nosso trabalho, se pergunta sobre as razões de ter assimilado a profissão dos familiares próximos sem, contudo, se reconhecer nelas. Podemos considerar que se trata do processo de identificação presente no luto, no qual a pessoa toma para si aspectos ou traços de pessoas importantes, no caso a profissão, e, com isso, consegue separar-se dos entes queridos. Esse mecanismo é frequente na tomada de decisão profissional. Quando a pessoa toma consciência desse mecanismo – assimilando ou rejeitando esses aspectos –, tem condições de realizar uma escolha. Nesse caso, dizemos que ela conquistou sua identidade profissional.

Em uma das sessões, analisando a consistência de sua escolha pela engenharia civil, João conta que aprecia dirigir pelas estradas vicinais entre os municípios. Compara as diferentes cidades da vizinhança, no que move sua economia, comércio e urbanismo. Conversamos se isso não o aproximaria da própria engenharia civil e da arquitetura. Acrescenta que lê com satisfação sobre assuntos filosóficos e artigos científicos. Diz que no Ensino Médio era muito imaturo, sem preocupação com o futuro, e complementa: “na pandemia troquei os estudos pelo videogame, não me desenvolvi como pessoa”.

Com o trabalho da OP e por meio da elaboração do seu dilema, João vislumbra seus desejos e os impedimentos para a sua decisão. Diz ele: “eu tenho enganado a mim mesmo, efetivamente não sei do que eu gosto... Me pergunto até quando vou negligenciar meu futuro... Gostaria de sair do piloto automático e encontrar aquilo que realmente faz sentido para mim, sem pressões externas”. Estamos diante de estados melancólicos nos quais ele se mostra paralisado, preso à dinâmica familiar e emaranhado nas expectativas que obturam as lacunas onde pode surgir aquilo de que

gosta. Questiona sobre o lugar atribuído ao pai biológico que, independentemente da profissão que tinha, não quis lhe dar um sobrenome.

Com a OP, começa a considerar caminhos novos, que notamos pelas observações dele:

talvez meu processo implique uma mudança, mas caso conclua minha graduação em engenharia civil, não pretendo atuar na área de forma convencional. Não me vejo inserido em grandes obras, empreendimentos ou projetos que não dialoguem com valores que considero essenciais. Além disso, estou aberto a explorar melhor, na graduação que escolhi, áreas do curso que conversem mais com meus interesses pessoais, como estruturas, geologia e topografia – campos que me despertam curiosidade e, por que não, um senso de beleza técnica. Estou disposto a dar uma chance a essas possibilidades, mas com o olhar atento e sincero de quem busca, acima de tudo, ter coerência entre o que faz e quem é.

João começa a perceber que não há uma única profissão que reúna todos os seus interesses, sempre vão faltar alguns aspectos. Esse é o luto pelo conjunto das profissões a que tem que renunciar. Acabou decidindo por dar continuidade à engenharia e se abrir para novas perspectivas dentro dela. A decisão profissional não é um fim para as pessoas, mas um começo da jornada. De posse de um diploma, navega-se com os instrumentos recebidos e, ao longo da vida, adquirem-se outros tantos.

No caso 2, Laura tem 16 anos e quer fazer física, porém seus pais desaprovam, lhe orientam que faça engenharia, por ser um campo com maiores oportunidades de trabalho. Também nesse caso temos a preocupação dos pais atuando contra o desejo da filha que, por sua vez, está tentando se descolar deles. Diz que espera no futuro próximo poder ser livre para construir a própria vida escolhendo a faculdade, a moradia e a rotina em geral. Mas vamos analisar os motivos da sua escolha. Laura deseja ser pesquisadora. É pianista em orquestra jovem e leitora contumaz. Adora todo tipo de conhecimento: antropologia, política, ciências, psicologia, idiomas e filosofia. Pensa fazer astrofísica e justifica: “quanto mais aprendo, maior a vontade de explorar o mundo. Quero entender mais como o mundo funciona e seu propósito filosófico. Tenho para mim que todo o mundo se interconecta e é explicado pela física”.

Além disso, espera trabalhar com algo que traga um benefício social, seja pela física médica, seja pela meteorologia, que está ligada às mudanças climáticas. Como ideal diz: “quero ser desafiada... Para mim, a física é a medida de todas as coisas... O mundo pode ser visto de infinitas perspectivas: da científica, espiritual e antropológica etc.”. E ela continua:

em todas, no fundo de tudo, pode-se encontrar a física... Me dá um senso de pertencer que eu, um aglomerado de átomos, sou algo que, após a minha desintegração, o que me compõe continuará sendo... Até mesmo em questões mais humanas, pelas quais me interesso, imagino que a física possa permitir uma compreensão da essência da natureza que, por sua vez, permitirá uma compreensão do ser humano.

Laura acredita que a física abarca todo conhecimento, o que a livra de fazer recortes ou descartes. Faz uma reflexão filosófica profunda de seu lugar no mundo como pessoa e como cidadã. Espera ter um papel social relevante. Ela indaga sobre aquilo que cada pessoa pode fazer durante a vida. Parece estar às voltas com a finitude. Escolher o que fazer do futuro tem a ver com renunciar à onipotência, sem cair na absoluta impotência que faz parte do mesmo mecanismo. Em ambos os casos se nota a ansiedade com o futuro. Tem expectativas com relação ao desenvolvimento pessoal e à autonomia.

Tornar-se adulto passa por conseguir evoluir profissionalmente tendo um papel social e sendo respeitado em suas escolhas. Para alcançar esses objetivos, é preciso fazer recortes e estabelecer prioridades. João e Laura são muito talentosos com diversos interesses e poderiam entrar na vida profissional por diferentes portas.

Em vista de todas as ideias desenvolvidas até aqui, tenho para mim que a OP é, sim, uma prática viva da psicanálise aos moldes da clínica extensa.

Segundo relato^[7]

Desde o fim da graduação, tive o privilégio de conviver com dois grandes mestres: a professora Maria Margarida de Carvalho (Magui), muito criativa e curiosa, precursora de vários campos da psicologia através do uso de novos dispositivos – dentre os quais há um que foi desenvolvido por Rodolfo Bohoslavsky, meu segundo grande mestre. Bohoslavsky possuía uma robusta construção teórica já em 1971, muito jovem, ancorado na psicanálise argentina de Bleger e Pichon-Rivière, e nos trouxe uma outra perspectiva da OP, como um dispositivo baseado numa visão psicanalítica profunda. Oferecia suporte à construção de um vínculo saudável com a profissão, partindo de um processo diagnóstico e de escuta psicanalítica. Esse trabalho promove um processo de conscientização sobre o sentido do trabalho como fonte de identidade profissional e pessoal. Há, assim, um caminho de reconhecimento subjetivo do papel que o sujeito ocupa no mundo do trabalho, compreendendo o valor simbólico do trabalho na sociedade, suas estruturas e transformações determinadas historicamente. Considera que uma escolha profissional não é casual: carrega motivações inconscientes que a tornam única e singular para cada pessoa. De certa forma, em todos os casos, o trabalho de orientação permite tornar mais claros esses fatores inconscientes, ajudando a libertar o sujeito de vínculos problemáticos que podem ter influenciado sua escolha.

Para exemplificar, vamos à clínica. Recordei-me do atendimento de Rosa: uma menina de 17 anos, cabelos longos que escondem propositalmente o rosto, roupas discretas. Senta-se encolhida na poltrona. Vem encaminhada pela orientadora porque no dia do vestibular da Fuvest se recusou a ir fazer a prova. Os pais não compreendem por que acabaram não insistindo ou pedindo ajuda à orientadora da escola de Rosa. A jovem está terminando o Ensino Médio como uma das mais destacadas alunas, que

7. Seção escrita por Yvette Piha Lehmann.

todos consideram ter muita chance de ser aprovada nos vestibulares de arquitetura em que se inscreveu.

Na primeira entrevista, com uma voz baixa e apresentando certo tique, relata que não sabe mais o que quer, se esquia do vestibular por medo de fracassar. Mas isso pareceu ser apenas uma camada, apesar de ter sido difícil que Rosa reconhecesse o seu medo. O que haveria mais nessas dificuldades da jovem? Parece paralisada. E como alguém paralisado faria um vestibular? Essa pergunta, que a todo o momento me fazia, seria o fio condutor dessa orientação, ou de por que essa menina não conseguiu fazer o vestibular e dizia ter dúvidas sobre a escolha de arquitetura.

Uma associação: arquitetura–espaço! Questiono: “Rosa, você já foi visitar alguma faculdade?”. E Rosa: “não, vi vídeos e li a respeito das faculdades em que me inscrevi”. A minha pergunta seguinte abre a caixa de Pandora, um simples: “e por que não foi?”. Ela começa timidamente a contar que, como mora em uma rua muito longe e complicada, somente sai de casa de carro, e para isso precisa dos pais. Ela e a mãe sempre quiseram morar em algum lugar mais central, mas o pai adora o condomínio onde residem. Revela, então, que gostaria de estudar na Europa e ir de bicicleta para a faculdade, como tinha visto nas viagens que fez com os pais. Começa, assim, um desvelar do sentido da escolha por arquitetura, associada a construção de espaços, lugares novos e independência. E isso só seria possível na Europa.

Aos poucos vai associando e apresentando para mim e para si mesma uma menina criativa, que adora arte, que sonha em andar nos metrô de Londres e Paris, associando-os a espaços criativos. Filha única, convive com um cuidado excessivo dos pais, que já se organizavam para levá-la e buscá-la na Universidade de São Paulo.

Em nossa oitava sessão, pede para ser atendida on-line, o que me causa estranheza, porque parecia gostar de vir ao consultório, lugar distante e pouco conhecido. Fico atenta. Inicia contando que havia ido com as amigas almoçar em um restaurante japonês na Liberdade,^[8] e haviam ido de metrô. Fico intrigada, porque ela deveria parecer mais animada, afinal, havia andado de metrô com as amigas e, ao que parecia, fora muito divertido. Penso que foi um momento de liberdade! Fico tão empolgada que sinto curiosidade de saber dela se o metrô estava cheio, se o restaurante era bom, o que ela comeu.

Algumas sessões depois, conta que o pai chorou quando ela disse animada que seu sonho era fazer arquitetura na Itália. Ele perguntava: “por que você quer ficar longe de nós? O que foi que eu fiz?”. Aos poucos vai ficando claro que fazer vestibular é realmente a ponte para essa nova vida, mais independente, para a vida adulta que ela tanto deseja, que se sintetiza em conhecer novos lugares, ir sozinha, fazer projetos, criar e ser arquiteta da sua vida. Ora, não é isso que se espera de uma jovem de agora 18 anos?

A associação com o medo do futuro, do fracasso, acaba por levar à fantasia inconsciente de que seu crescimento e independência levariam à morte dos pais

8. Bairro de São Paulo, muito conhecido e caracterizado pela presença de imigrantes japoneses e de outros países asiáticos.

– quando os filhos viram adultos, os pais ficam velhos e morrem! A verbalização dessa fantasia inconsciente e a sua elaboração abrem a perspectiva para Rosa buscar informações, ir às faculdades e, enfim, perceber que o vestibular é apenas uma ponte, e que o tempo para o amadurecimento ainda continuará.

Na adolescência, a OP refere-se à situação psicoevolutiva e, na maioria das vezes, é a primeira escolha própria independente dos pais. Configura uma intervenção preventiva, em que se propõe delinear um vínculo com a profissão e traçar um projeto de vida. E atualmente, neste contexto tão pouco estruturado e violento, como escolher uma profissão? Como pensar em futuro se ele parece prestes a ser extinto? Claro que a missão é complexa. O processo implica vivermos com o jovem uma história compartilhada, constituída de duas subjetividades que se inter-relacionam, criando um espaço potencial no qual o adolescente possa desenvolver sua área receptiva interior, a parte da psique armazenadora da história do self. Cabe ao orientador facilitar as recordações, desejos e aspirações do orientando, favorecendo, como vimos no caso de Rosa, uma escolha própria, autêntica, a partir de si mesmo, e elaborando áreas de conflitos.

Trata-se do espaço potencial descrito por Winnicott (1971/1996), em que há a possibilidade de desenvolver essa função dentro de si consolidando a noção de continuidade temporal do ser. Uma segurança ontológica que possibilita olhar o real, as opções de cursos, de profissão, e escolher de uma forma que seja significativa para o jovem e implique um conhecimento da realidade. Quando a escolha profissional está enraizada em situações conflituosas da infância, ela pode estar marcada por sofrimento. Nesse caso, o vínculo com o trabalho pode ser expressão desses conflitos, afetando o exercício da profissão. Nosso trabalho atua justamente nesse ponto de origem – no “estado nascente” da escolha –, ajudando a elaborar e ressignificar esse processo.

Comecei a me interessar pelo modo como o trabalho impacta a saúde mental das pessoas sempre pensando na relação entre o social e os efeitos que isso tem sobre o sujeito. Fundamos na Universidade de São Paulo, sob a supervisão do próprio Bohoslavsky, um serviço de OP. Inicialmente, apoiamo-nos em sua teoria, mas, ao longo do tempo, fomos desenvolvendo uma proposta própria de formação de orientadores profissionais, com uma abordagem clínica, didática, prática e vivencial. O setor de OP na Universidade passou a ser reconhecido, tendo um modelo de trabalho consistente e rigoroso, ampliando os processos de diagnóstico e a intervenção. Podemos dizer que deixamos um trabalho consistente e, mais importante, afirmar o quanto esse trabalho se expandiu hoje em dia, porque a questão de escolha se recoloca dentro de uma contemporaneidade muito problemática.

Um aspecto do trabalho de OP nessa abordagem é que ele é curto, mas profundo. Mexe com a eleição de uma identidade profissional que, há até pouco tempo, era o foco precioso e, na atualidade, talvez seja um trabalho ainda mais valioso, pois a identidade profissional está banalizada e há demanda por um perfil cada vez mais flexível. A OP numa abordagem clínica pode ser um processo terapêutico que ajuda indivíduos a explorar suas escolhas profissionais de forma mais profunda e significativa.

La clínica de la elección en el diván: relatos de experiencias en orientación profesional

Resumen: El objetivo de este artículo es presentar los relatos experienciales de dos psicoanalistas con una larga trayectoria en el campo de la orientación profesional, también conocida como orientación vocacional. Ambas poseen un profundo conocimiento clínico, además de experiencia en prácticas institucionales, y aportan relatos sobre la validez de las estrategias psicoanalíticas. Han tenido un fuerte contacto con la obra de Rodolfo Bohoslavsky, psicoanalista argentino radicado en Brasil en la década de 1970, quien acuñó una propuesta de trabajo para la orientación profesional: la estrategia clínica. El modelo cuestionaba la tendencia de la época de utilizar la psicometría para el proceso de elección profesional y privilegiaba los aspectos inconscientes implicados en la decisión, principalmente de los adolescentes. Aunque el modelo se consolidó fuertemente en la psicología, algunos psicoanalistas siguieron discutiendo la validez de los dispositivos y estrategias, además del setting tradicional como práctica psicoanalítica. La relevancia de los relatos biográficos y las experiencias clínico-institucionales de los psicoanalistas permiten visualizar la práctica y la historia del campo.

Palabras clave: orientación profesional, vocación, estrategia, dispositivo, experiencia

The clinical work of choice on the couch: experience reports in professional guidance

Abstract: This article presents experience reports by two psychoanalysts long active in the field of professional guidance, also known as vocational guidance. Both have extensive clinical knowledge as well as experience in institutional practice, and they offer accounts on the validity of psychoanalytic strategies in this domain. They were strongly influenced by the work of Rodolfo Bohoslavsky—an Argentinean psychoanalyst who lived in Brazil in the 1970s—who formulated an approach to professional guidance known as *clinical strategy*. His model challenged the once prevailing reliance on psychometrics in career choice and foregrounded the unconscious aspects involved in such a decision, especially among adolescents. Although the model became firmly established within psychology, some psychoanalysts continued to debate the validity of the use of devices and strategies beyond the traditional setting as psychoanalytic practice. The biographical reports and the psychoanalysts' clinical-institutional experiences offer a view of both the practice and the history of the field.

Keywords: professional guidance, vocation, strategy, device, experience

Referências

- Agamben, G. (2009). O que é um dispositivo?. In *O que é o contemporâneo? e outros ensaios* (pp. 25-51). Argos.
- Azevedo, B. H. (2025). Dispositivos da clínica [Editorial]. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 59(3), 17-24. <https://bit.ly/3M44kPy>
- Bohoslavsky, R. (1977). *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. Martins Fontes.
- Checchia, M. A. (2010). A clínica psicanalítica é um dispositivo?. *A peste*, 2(1), 89-100. <https://bit.ly/49GrVj5>
- Dejours, C. (2022). *Trabalho vivo I: sexualidade e trabalho* (2a ed.). Blucher.
- Foucault, M. (2020). *História da sexualidade 1: a vontade de saber* (11a ed.). Paz & Terra. (Trabalho original publicado em 1976)
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In *Obras completas: Vol. 18. O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (pp. 13-122). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Herrmann, F. (2005). A clínica extensa. In L. M. C. Barone (Coord.), *A psicanálise e a clínica extensa: III Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos por Escrito* (pp. 17-31). Casa do Psicólogo.
- Leite, M. S. S. (2022). *Orientação profissional* (2a ed.). Artesã.
- Rascovan, S. (2016). *La orientación vocacional como experiencia subjetivante*. Paidós.
- Scappaticci, A. L. S. S. (2015). A autobiografia de Wilfred Bion: o segredo como fonte de si mesmo. *Ide*, 38(60), 175-185. <https://bit.ly/4rsjCS>
- Winnicott, D. W. (1996). O conceito de indivíduo saudável. In *Tudo começa em casa* (pp. 17-30). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1971)

Flávio José Gosling

Endereço: Rua Sergipe, 401, cj. 701. São Paulo/SP.
 CEP: 01243-906
 Tel.: (11) 98224-4094
 E-mail: flaviogos@uol.com.br

Maria Stella Ribeiro de Sampaio Leite

Endereço: Rua Joaquim Antunes, 490, cj. 41. São Paulo/SP.
 CEP: 05415-001
 Tel.: (11) 99183-5049
 E-mail: mariastellaleite@gmail.com

Yvette Piha Lehmann

Endereço: Rua Oscar Freire, 1549, ap. 143. São Paulo/SP.
 CEP: 05409-010
 Tel.: (11) 99196-8540
 E-mail: yvettepiha@yahoo.com.br

Artigo recebido em 03/10/2025
 Artigo aceito em 17/11/2025

Editora responsável pelo artigo: Ana Cláudia G. R. de Almeida